

## PROJEÇÕES UTÓPICAS DE UM BRASIL LIBERTÁRIO: A MILITÂNCIA DE EDGAR LEUENROTH NOS ANOS INICIAIS DA DITADURA MILITAR

### RESUMO

Edgard Leuenroth (1881-1968), militante brasileiro, colocou sua pena à disposição do anarquismo desde as primeiras décadas do século XX. Este artigo se detém nos últimos anos de sua atuação e analisa sua participação no jornal Dealbar (1965-1968) e um projeto utópico manuscrito que deixou inacabado em razão de sua morte, intitulado Qual a solução para o Brasil?. Neste projeto reflexões inéditas somam-se à textos publicados anteriormente ao longo de sua trajetória, a fim de delinear caminhos para a construção da anarquia no país. Pretende-se analisar como este militante aponta para os princípios da solidariedade e do universalismo como instrumentos para a edificação da utopia libertária no país em um momento marcado pelo julgo autoritário dos anos iniciais da ditadura brasileira (1964-1968).

**Palavras-chave:** Utopia; anarquismo; ditadura; solidariedade; universalismo.

**ABSTRACT****UTOPIAN PROJECTIONS OF A LIBERTARIAN BRAZIL: EDGAR LEUENROTH'S MILITANCY IN THE EARLY YEARS OF THE MILITARY DICTATORSHIP**

Edgard Leuenroth (1881-1968), a Brazilian militant, put his pen at the disposal of anarchism since the first decades of the 20th century. This article focuses on the last years of his activity and analyzes his participation in the newspaper Dealbar (1965-1968) and a manuscript utopian project that he left unfinished because of his death, entitled Qual a solução para o Brasil? In this project, unpublished reflections are added to texts published previously throughout his trajectory, in order to outline paths for the construction of anarchy in the country. We intend to analyze how this militant points to the principles of solidarity and universalism as instruments for the construction of a libertarian utopia in the country at a time marked by the authoritarian judgment of the initial years of the Brazilian dictatorship (1964-1968).

**Key words:** Utopia; anarchism; dictatorship; solidarity; universalism.

**RESUMEN****PROYECCIONES UTÓPICAS DE UN BRASIL LIBERTARIO: LA MILITANCIA DE EDGAR LEUENROTH EN LOS PRIMEROS AÑOS DE LA DICTADURA MILITAR**

Edgard Leuenroth (1881-1968), militante brasileiro, puso su pluma a disposición del anarquismo desde las primeras décadas del siglo XX. Este artículo se centra en los últimos años de su actividad y analiza su participación en el periódico Dealbar (1965-1968) y un proyecto utópico manuscrito que dejó inconcluso debido a su muerte, titulado Qual a solução para o Brasil? En este proyecto, a los textos publicados anteriormente a lo largo de su trayectoria, se suman reflexiones inéditas para trazar caminos de construcción de la anarquía en el país. Pretendemos analizar cómo este militante apunta a los principios de solidaridad y universalismo como instrumentos para la construcción de la utopía libertaria en el país en una época marcada por el juicio autoritario de los años iniciales de la dictadura brasileña (1964-1968).

**Palabras Clave:** Utopía; anarquismo; dictadura; solidaridad; universalismo.

*Quando me lembro do amigo, do companheiro de personalidade forte, que ainda em seu leito de morte queria ter o material em suas mãos para trabalhar em livros planejados, ainda em setembro de 1968, quando no dia 28 veio a falecer, penso que é preciso continuar ‘juntando pedras para construir o edifício libertário’ para manter a dignidade da vida e sermos coerentes com todos os que dedicaram a vida com dignidade pelos ideais de superação humana (CUBERO, 2006).*

No fragmento acima Jaime Cubero, ao lembrar a atuação do militante anarquista, Edgard Leuenroth, nos anos finais da década de 1960, período que vigorava a ditadura civil-militar no Brasil, menciona que mesmo em seu leito de morte, durante seus últimos dias de vida, Leuenroth continuava envolto no projeto de construção do “edifício libertário”: planejava a publicação de livros, mais uma “pedra” no trabalho de edificação da anarquia.

A metáfora da casa/edifício era comumente utilizada por Leuenroth ao referir-se à (aos) anarquia/anarquismos. Em 15 de junho de 1946, por exemplo, o anarquista publicou um artigo no jornal *Ação Direta*, no qual, explorou alguns fragmentos de seu projeto utópico de transformação da sociedade brasileira. Partindo da afirmação de que a Segunda Guerra Mundial, resultado do “choque de ambições e da exploração do homem pelo homem” no sistema capitalista, teria estremecido as bases nas quais se assentavam a organização de todas as sociedades do globo, o militante advertiu que um novo conflito dessa magnitude levaria inevitavelmente à ruína completa da humanidade. Tendo em vista o perigo iminente, Leuenroth ponderou que, para alguns, melhorias de caráter imediato seriam suficientes para manter o “edifício” em pé; para outros, apenas uma transformação completa nas suas bases e estruturas poderiam impedir um desabamento. O anarquista advertiu que de nada adiantaria a realização de conferências e tratados pela paz entre os representantes das nações do pós-guerra, pois seriam medidas provisórias e inúteis. A seu ver, apenas a construção de uma

nova sociedade, a anarquia, poderia promover uma paz duradoura entre os povos:

O rancho de pau-a-pique em que vivemos ameaça desabar ao impulso de uma ventania mais forte dos varjões de leste. Os esteios roídos pelo cupim exigem substituição, as gotei-ras da coberta reclamam uns molhos de sapé precisando-se, ainda, tapar, com punhados de barro os buracos das paredes e socar terra nos desníveis do chão-batido. É preciso pô-lo em condições de nos dar morada por mais algum tempo, enquanto cuidamos da mudança. A planta da casa grande já está sendo ultimada, para que não se retarde a sua construção. Será um grande e belo edifício ensolarado, com amplas janelas, por onde entrará muito ar e muita luz. Terá cômodos espaçosos, forrados e assoalhados, e, ainda, uma dispensa farta. Ao mobiliário se juntarão o rádio, a televisão e a geladeira, e, na sala do lado, não faltaria uma estante de livros. Apressemos-lhe a construção, a tempo do rancho não nos cair em cima. (LEUENROTH, 1946, 01)

Neste fragmento, Leuenroth enumerou os benefícios da utopia<sup>1</sup> anarquista. Nela, as mazelas e sofrimentos próprios da sociedade capitalista seriam abolidos por completo; a luz se perpetuaria, pondo fim à escuridão. Para tanto, a planta da casa, ou melhor, o projeto utópico da anarquia, foi anunciado como uma necessidade e uma garantia na edificação dessa nova ordem social. Imaginar, escrever, projetar os fundamentos, a organização e o funcionamento da anarquia era, para o autor, uma urgência nos tempos sombrios então vivenciados. Se o sistema sobre o qual se vivia estava falido, arruinado, não restava outra saída a não ser transformá-lo.

Em meados da década de 1960, em meio à ditadura militar brasileira, Leuenroth participava ativamente da publicação do jornal *Dealbar*, órgão da imprensa alternativa anarquista, e planejava a publicação de um livro no qual projetava caminhos para a construção da anarquia no Brasil. Todavia, em razão de sua morte em

1968, o livro ficou inacabado. Os manuscritos, foram guardados por seus pares, e hoje está sendo editado pela historiadora Christina Lopreato para publicação. Nas linhas que se seguem tratamos de que maneira Edgard Leuenroth atuou nos últimos anos de sua vida em meio ao fortalecimento do autoritarismo no Brasil com o advento do regime militar entre os anos de 1964 a 1968. Buscamos demonstrar de que maneira seus escritos revelam um projeto político utópico contrário à ditadura e favorável à liberdade, à igualdade e a solidariedade entre os homens.

### **TÓPICAS LIBERTÁRIAS NO JORNAL *DEALBAR* (1964-1968)**

Edgard Leuenroth nasceu na cidade de Mogi-Mirim no dia 31 de outubro de 1881. Ele admitiu ter vivido uma “meninice sem infância”, pois abandonou cedo os estudos para trabalhar e, assim, poder auxiliar nas despesas da família, que enfrentava dificuldades desde a morte de seu pai, ocorrida em 1884. Quanto à sua formação, ele disse: “Não tive estudos regulares. Apreendi comigo. Sou autodidata. Tudo colhi na imensa universidade da vida” (LEUENROTH, 1968). Leuenroth iniciou sua carreira de tipógrafo e jornalista aos 16 anos, quando lançou o seu primeiro periódico, *O Boi*, publicação quinzenal que circulava no bairro do Brás, em São Paulo, e que deu origem, em 1899, à *Folha do Braz*, órgão que tinha como objetivo a conquista de melhorias para os moradores desta região. Em 1904, ele se interessou pelo anarquismo, que o acompanhou durante toda a sua vida. Foi o ofício na imprensa (trabalhou como tirador de provas, colaborador, arquivista, dentre outras funções) que possibilitou o seu sustento e o de sua família. No entanto, foi através da imprensa livre que ele atuou e militou em prol da causa libertária. Ao longo de sua vida, Leuenroth participou ativamente de manifestações, de movimentos grevistas, de encontros entre militantes e trabalhadores promovidos pelo *Centro de Cultura Social de São Paulo e Nossa Chácara*,<sup>2</sup> proferia palestras de caráter libertário, participava da articulação e publicação de jornais anarquistas, além de escrever textos teóricos nos quais buscava conscientizar a população e chamá-la para a luta, apontando para os

“problemas do Brasil” e para alternativas de mudança. Leuenroth lançou os livros *O que é maximismo ou bolchevismo – programa comunista* (1919), *Anarquismo: Roteiro de Libertação Social* (1963), organizou a obra *A Organização dos Jornalistas Brasileiros 1908 – 1951*, que veio a ser publicada postumamente em 1987 e deixou inacabado o livro *Qual a solução para o problema do Brasil?* (s/d). Vítima de um câncer hepático, ele faleceu em 1968, aos 87 anos de idade.<sup>3</sup>

Durante os anos de 1965 a 1968, juntamente com os militantes anarquistas Pedro Catallo, Souza Passos e Lucca Gabriel, Leuenroth esteve à frente da articulação do jornal *Dealbar*. Editado na cidade de São Paulo e distribuído em várias regiões do país, este jornal teve projeção internacional, circulando em alguns países da América Latina e da Europa. *Dealbar* teve dezessete edições publicadas. Assim como inúmeros jornais anarquistas, ele não possuía uma saída regular. A perseguição da polícia e do Estado contribuía para que as publicações anarquistas dos séculos XIX e XX fossem interrompidas por curtos ou longos espaços de tempo. Outro fator que acentuava esta descontinuidade é a precariedade financeira dos seus articulistas. Contrários à transformação dos jornais em empreendimentos lucrativos, os periódicos eram feitos a partir das contribuições dos próprios militantes e simpatizantes do movimento anarquista que, avessos à configuração assumida pelo país com a ditadura militar, se posicionava contra o regime, mesmo que através de uma “linguagem mais contida” para evitar a barragem da censura e a repressão de seus articulistas.

É importante ressaltar que o *Dealbar* dava continuidade aos trabalhos de *O Libertário*<sup>4</sup>, criado em 1960 e findado em 1964, com a repressão inicial da ditadura militar. Contudo, diferentemente de *O Libertário*, que possuía um estilo alinhado a outros jornais anarquistas do início do século XX, *Dealbar* possuía uma diagramação mais arrojada como explicado por Vianna:

*O Dealbar* inovaria quanto à forma e ao conteúdo. Em certa medida, pode-se nele ver um precursor de mudanças que se tornariam

comuns entre os jornais da imprensa dita alternativa de finais dos anos 1970. Se, com o aparecimento do *Inimigo do Rei*, em 1977, a estética da imprensa libertária parecia ter perdido os —ares de início do século||, essa metamorfose iniciou-se com o *Dealbar*. Da diagramação das matérias e dos títulos de artigos, passando pelo uso largo de imagens, sobretudo em sua fase de tabloide, dava-lhe um aspecto moderno e o tornava mais atractivo. O formato menor permitia que algumas imagens ocupassem o espaço de duas páginas, ganhando maior destaque. No temário, assuntos pouco usuais nos jornais libertários, e que ganhariam mais destaque a partir daqueles anos: antitabagismo, racismo, expressões artísticas, psicanálise, problemas habitacionais nas metrópoles e até análise sobre as novelas, que passavam a ocupar largo espaço nas programações televisivas. No cabeçalho, por outro lado, como no próprio título, a alegoria do sol nascente traçava claras teias de continuidade com a tradição anarquista desde finais do oitocentos. Lembrara Litvak que a metáfora solar aparece em uma infinidade de composições libertárias, e sua presença não é fortuita, indicando sempre o otimismo ácrata, além do que graficamente, amplia a carga empírica do desenho ou do título do jornal (VIANA, 2014, 93-94).

Como ressalta Vianna a alegoria do astro solar no horizonte utilizada no cabeçalho do jornal, anunciava a expectativa dos anarquistas de tempos ácratas, marcados pela libertação do julgo do autoritarismo. A escolha do título do jornal, também, não foi aleatória. Na descrição dos propósitos do *Dealbar* os articulistas ressaltaram um fragmento da epístola de São Paulo aos romanos: “A noite vai adiantada, e o dia vem chegando. Despojemo-nos das obras das trevas e vistamo-nos das armas da luz” (Rom 13, 12). O homem, de acordo com o apóstolo, deve despertar do sono e assumir uma postura vigilante: “ revesti-vos do Senhor Jesus Cristo”, diz ele. Este fragmento bíblico é mencionado no jornal, com o intuito de explicar o seu título: dealbar, verbo

que significa “ao romper”, “ao surgir”, “princípio”, “primórdio”, mas também “branquear”, “aclarar”, “limpar”. Todos estes significados pressupõem mudança, pois afirmam algo que surge e que se associa à ideia de iluminação e aclaramento de algo outrora marcado pela escuridão. Embora o jornal faça uso de um apelo utilizado pelo apóstolo, as circunstâncias nas quais ele é editado e os discursos que projeta respondem a outras inquietações. *Dealbar* é anunciado como uma “arma de luz” dos anarquistas (esclarecimento e formação) frente às “trevas” instauradas pelo sistema capitalista e pelo autoritarismo da ditadura militar brasileira. Em um artigo, publicado em junho de 1967, os articulistas de *Dealbar* desferem uma crítica severa às ações repressivas e ao discurso demagógico do governo ditatorial que fazia uso de expressões como *revolução* e *democracia* para qualificar suas ações autoritárias:

Por democracia deve-se entender um Estado social em contínua revolução, em contínuo progresso. Desde que um Estado democrático estanca, para, emperra e, para defender essa estagnação e a pretexto de combater extremismos torna-se extremista e começa a perseguir os cidadãos que, considerando-se iguais perante as leis, fazem ouvir as suas vozes reclamantes, essa hipertrofia estatal perde o seu carácter democrático e passa a assumir coloração nitidamente totalitária nazi-fascista-comunista. A “revolução” de março de 64, que trazia em sua bandeira a defesa e a salvação da democracia brasileira, é a mais desconcertante prova provada do que acabamos de dizer. Esse movimento cívico militar, que recebeu o aplauso e o assentimento de quase toda a população brasileira, depois de três anos de descabidos tateios e de insulsas experiências, que chegaram inclusive a reviver fenômenos tétricos que o Brasil já não sofria há mais de trinta anos, como o desemprego, deixou o saldo de uma revolução que ainda se pavoneia democrática, um gravame pungente e desolador. Não pode uma verdadeira democracia herdar, como expressão desse

regime, duas leis que ferem profundamente a sua sensibilidade orgânica. A lei de imprensa e a lei de segurança nacional são dois atos que ofendem frontalmente os brios e a confiança que um povo laborioso e cordato depositou na “revolução” de março (DEALBAR, 1967, 01).

Para os anarquistas, envoltos em *Dealbar*, longe de se configurar como um governo democrático que atua em prol da consolidação da liberdade, da fraternidade e da igualdade de direitos entre os povos, o governo vigente possuía uma conotação nitidamente totalitária. Na luta contra o sistema os articulistas do periódico apresentam os princípios libertários como instrumento para a construção de um futuro libertador. Não é por acaso que ao lado do emblema solar no cabeçalho de *Dealbar* vem estampada a seguinte chamada: “A ideia é como a gota d’água pode refletir a imensidade”. A razão e o conhecimento foram evocados como elementos imprescindíveis para a construção da anarquia. O homem, apreendido pelos anarquistas como ser social, ao ser tocado pelo conhecimento libertário, se uniria a outros homens que partilhavam da mesma formação. Estando eles de acordo sobre uma mesma concepção de mundo, eles tenderiam a se associar e a se organizar em prol da efetivação prática do conhecimento adquirido. Além das críticas dirigidas ao regime, em linhas gerais, as discussões promovidas no jornal como um todo, incluía temas como: a formação moral e ética do “povo” brasileiro, a difusão e incentivo de uma cultura e arte engajadas, a crítica ao discurso nacionalista dos governos militares, discussões em defesa da liberdade e contrárias ao autoritarismo. Edgard Leuenroth, por sua vez, escreveu para esse periódico textos sobre a temática da solidariedade e do universalismo. Por que estes conceitos recobram importância neste momento histórico? Em que medida eles respondem ao projeto político utópico libertário de Leuenroth de transformação da sociedade brasileira na anarquia?

Entre outubro de 1967 a fevereiro de 1968, Edgard Leuenroth, publicou quatro artigos voltados para o tema da solidariedade em *Dealbar*. Em “Solidarismo na vida social brasileira” (LEUENROTH, 1967, 02),

ele discorreu sobre a consequência do “automatismo despersonalizador” de seu tempo, que leva os homens a se prenderem a uma rotina, circunscrevendo em demasia sua visão do conjunto e não lhes permitindo ver a tendência natural à solidariedade que animaria a criatura humana:

Tudo se vai fazendo, todos os misteres vão sendo executados sob a pressão do imperativo da necessidade, da obrigação, de compromissos imediatos de ordem econômica, técnicas, profissionais, sociais, familiares etc, sem que estas atividades automatizadas exijam que a atenção se detenha no exame do objetivo exato do que se faz, do alcance dos resultados das labutas, e, principalmente, do aspecto social do entrosamento de todas as atividades. Se não fosse essa a norma de vida de nossos dias, se as labutas do dia a dia não absorvessem as atenções, limitando-lhes o campo de observação, todos teriam a possibilidade de verificar que todas as atividades, formando núcleos organizados, se entrelaçam numa natural e espontânea entrosagem, para a movimentação de todos os setores de vida da sociedade em suas múltiplas modalidades — à margem do Estado, embora envolvidas pelos entraves de sua burocracia (LEUENROTH, 1967, 02).

Leuenroth citou vários exemplos de iniciativas solidárias dos brasileiros realizadas à margem do Estado ou sem qualquer vínculo com organizações que possuam fins lucrativos. A solidariedade, portanto, sendo natural, encontrava-se presente em iniciativas de diferentes campos como na educação, na cultura, atividades esportivas e artísticas. Segue alguns exemplos:

Nos estabelecimentos de ensino, os estudantes mantêm seus grêmios, cuja finalidade é a ajuda mútua em múltiplas modalidades, cabendo aos centros acadêmicos também o patrocínio dos interesses estudantis. Há também as agremiações de antigos alunos que

servem para mantê-los em contato com suas passadas atividades escolares. Em alguns dos grandes centros escolares do País existem as Casas dos Estudantes, que têm a sua finalidade indicada por sua denominação. Como todas as demais iniciativas, esta também é obra direta dos interessados, isto é, dos próprios estudantes. Como elemento coordenador de suas atividades no mundo das letras, os escritores têm associações de âmbito nacional, estadual e locais, havendo também agremiações da mesma natureza em estabelecimentos de ensino e em outros ambientes. São numerosos os grêmios literários existentes não somente nos grandes centros, como também em pequenas localidades. Mantidos por organizações populares e por entidades especialmente constituídas para esse fim, há muitos ateneus e centros de cultura, que promovem, conferências, debates e outras iniciativas de caráter educacional. Existem também bibliotecas fundadas por organizações trabalhistas e de outras atividades, ou por iniciativa de populações de cidades, de subúrbios e de bairros (LEUENROTH, 1967, 02).

No artigo “O solidarismo na vida social brasileira” (LEUENROTH, 1967, 04), publicado no ano de 1967, Leuenroth continuou a investigar a obra de cooperação espontânea e livre sem objetivos de remuneração para a execução de serviços, como é o caso do mutirão, velho sistema de ajuda mútua tradicionalmente adotado na vida rural. Ele relatou casos de ajuda mútua não só dentro do país, mas também além das fronteiras, concretizando-se em organizações de existência permanente, em cujas atividades incluíram a realização de exposições periódicas e de congressos nacionais e internacionais. Já em “O solidarismo nas relações humanas” (LEUENROTH, 1968, 03), Leuenroth tratou das iniciativas que, lançadas também como passatempo (*hobby*), tornam-se valiosos elementos de relações humanas, destacando-se em sua atuação a prática de atos significativos de “elevado solidarismo social”. Estaria nesse caso o movimento esperantista:

O desenvolvimento dos elementos de transporte, de dia a dia mais rápidos, e dos elementos de comunicações cada vez mais fáceis e seguros, as relações entre os povos de todos os quadrantes da Terra tornam-se mais freqüentes e intensas. Resta, entretanto, um embaraço a vencer — a diversidade de idiomas, que são inúmeros, além dos diversos dialetos usados em várias regiões de um mesmo país, dificultam as possibilidades dos entendimentos entre as criaturas, separadas apenas pela diversidade de língua. É por isso que vem de longe o movimento em prol do estabelecimento de um idioma internacional. Em consequência dessa obra em favor da adoção de uma língua comum teta surgido vários idiomas preparados para esse fim, destacando-se dentre eles o Esperanto, o mais adotado, que está conseguindo difundir-se por todo o mundo. Mantendo uma rede de organizações espalhadas por toda a parte, dispondo de publicações e cursos, o Esperanto já tem sido incluído no currículo do ensino oficial, sendo também adotado como veículo para relações comerciais e de outras atividades. Nos congressos internacionais esperantistas é usado exclusivamente o Esperanto entre os congressistas, oferecendo um espetáculo emocionante presenciar-se o convívio de gente de todas as raças e cores, usando os trajes característicos de suas terras, entendendo-se perfeitamente, em estreita fraternidade. Através do Esperanto travam-se relações e se estabelecem amizades que não têm em conta fronteiras, crenças ou princípios os mais divergentes. O Esperanto tornou-se um veículo de solidarismo. No Brasil o esperantismo tem bastante desenvolvimento, mantendo organizações e publicações (LEUENROTH, 1968, 03).

Para Leuenroth, a prática do esperanto, era um forte mecanismo de ligação entre homens que partilhavam de diferentes culturas e idiomas, beneficiando não só ações de auxílio mútuo como também a compreensão

de igualdade entre os homens. O autor ainda discorre sobre vários outros exemplos que demonstram como a solidariedade opera enquanto articuladora de relações amistosas e livres de preconceitos entre os envolvidos. Tais relações permitiriam ao homem conviver com o outro como seu semelhante e não como um inimigo. Antes, porém, de ser considerada uma obrigação, a solidariedade, sobre a qual discorre Leuenroth, é anunciada como uma prática espontânea, que não dependia do Estado para a sua efetivação. Com o aniquilamento das liberdades públicas, próprio de um regime autoritário, a solidariedade aparece como uma ação política de resistência e de sobrevivência dos grupos contrários ao sistema vigente. Em meio ao ambiente hostil da ditadura, projeta-se o universo da anarquia: um futuro potencialmente outro, ancorado nos princípios da solidariedade, da liberdade e da igualdade entre os homens. E, é, partindo deste raciocínio que Leuenroth propõe a construção de uma sociedade fraterna apresentando o universalismo como contraponto da centralização estatal e do princípio nacionalista, fortes elementos que dão embasamento ao regime ditatorial. Convém acompanharmos a reflexão de Leuenroth:

O Universalismo considera a humanidade um todo constituindo uma única família, tendo o mundo como pátria comum. Não dependendo do homem a escolha do lugar do seu nascimento, tanto vive ele para satisfação de suas necessidades e preferências, nas frígidas regiões polares como nas tórridas vastidões dos trópicos. Está historicamente demonstrado não terem as fronteiras origem natural e que, sofrendo alterações constantes no decorrer dos séculos, tem servido para dividir os povos, alimentando as prevenções, desavenças, animosidades e ódios que dão motivos para as guerras, causadoras de grandes males que atormentam a humanidade. Não se pode negar a natural feição pela terra onde se nasce e cresce, onde se forma um lar, alimentando laços familiares e de amizade (...). Entretanto, o sentimento afetivo ao próprio meio ambiente não justifica a prevenção e

muito menos a animosidade contra povos de outras partes e, deixando de ser natural, passa a ser absurdo, odioso e merecedor de repulsa quando, sob as vestes enganosas do nacionalismo, serve de instrumento aos dominadores dos destinos do mundo, sem pátria, que alimentam as discórdias internacionais e provocam a guerra (LEUENROTH, 1967, 01).

Leuenroth diz que os libertários são universalistas, pois acreditam que nada justifica a divisão da humanidade em nações. Propõem, ao contrário, a união das populações do mundo, numa comunidade única, “fraternizada em populações autônomas formadas por livre determinação, influenciadas por imperativos naturais e reunidas pelos laços do livre federalismo”. Para a concretização deste fim, Leuenroth ressalta a importância de se “solidificar a solidariedade consciente entre o povo na luta contra o domínio dos exploradores, para quem o nacionalismo é um instrumento de dominação” (LEUENROTH, 1967, 01). Considerando que a divisão da humanidade em fronteiras seria a causa das discórdias e conflitos beligerantes entre os povos, Leuenroth concebeu o federalismo como o melhor mecanismo de organização estrutural para as sociedades do mundo:

Os libertários são, universalistas, isto é, pugnam para unir a humanidade numa comunidade única, fraternizada em populações autônomas formadas por livre determinação, influenciadas por imperativos naturais e reunidas pelos laços do livre Federalismo, desde a pequena comuna rural até o distrito, a zona e o município, através de regiões e continentes (LEUENROTH, 1967, 01).

Sua proposta não levava ao desprezo pelo seu país, mas incentivava uma luta para libertá-lo do domínio e poder do Estado. Com o aniquilamento do Estado os homens poderiam reger a si próprios e se organizarem em um regime de equidade social, formado por unidades autônomas, confederadas entre si, a partir dos princípios do respeito e do apoio mútuo. Desse modo, para Leuenroth, todos os países do mundo viveriam sob o

signo da harmonia e da paz, não havendo mais espaço para conflitos como as guerras ou para qualquer tipo de dominação do homem sobre o homem como nos regimes autoritários. Pensando nisso, Edgard Leuenroth começou a elaborar um projeto utópico de transformação da sociedade brasileira na anarquia. Um passo inicial para a consolidação de um mundo fraternizado, afinal, objetivava-se que outros países do globo também se aderissem a essa transformação em um futuro vindouro.

## PROJEÇÃO UTÓPICA DE UM BRASIL LIBERTÁRIO

Como relatado por Jaime Cubero, na epígrafe que dá início a esse artigo, em seus últimos dias de vida, Leuenroth se encontrava rodeado de papéis, pois pretendia publicar um projeto utópico libertário para a sociedade brasileira<sup>5</sup> no formato de um novo livro, intitulado *Qual a solução para o problema do Brasil?*.<sup>6</sup> Os manuscritos do livro são compostos por uma série de textos que denunciam o sistema capitalista e validam a anarquia como sendo a única ordem capaz de oferecer à população brasileira condições dignas e justas de vida. Alguns fragmentos deste projeto foram, anteriormente, publicados nos jornais paulistas *A Plebe* (1917-1949) e *O Libertário* (1960-1964) e no livreto *O que é maximismo ou bolchevismo – programa comunista* (1919). Escritos inéditos também foram acrescentados a ele. Vale frisar que o livro foi organizado durante a década de 1960, período marcado por intensas manifestações políticas e sociais no Brasil e no mundo e, posteriormente, pelo “golpe de 64”, que deu início à ditadura militar brasileira. Mesmo idoso, “resto de gente” como ele mesmo se caracterizou em uma palestra ocorrida no Centro de Cultura Social de São Paulo em 1965 (LEUENROTH, 1965), Leuenroth não desistia de suas convicções e defendia a urgência de novos tempos, que colocariam em xeque toda a estrutura social, política, econômica e administrativa do sistema capitalista, assim como todos os princípios que o sustentavam.

A passagem abaixo, foi extraída do manuscrito *Qual a solução para o problema do país?*:

(...) não pode haver dúvida de que o mundo está atravessando um período de profundas remodelações na vida dos povos, de que estamos vivendo um período de transição social, caracterizado pelo ocaso de velhos moldes de civilização, preanunciando a aurora de uma nova era que já se vai iniciando com o movimento de radicais mudanças em muitos países nos seus sistemas de organização político-econômico-social. Um ambiente de incertezas e inquietudes fornece os elementos para agitações de toda a natureza, que se transformam em movimentos de rebeldias contra regimes de opressão e afirmam o seu caráter de luta em prol de reivindicações emancipadoras. O mundo apresenta-se como se fosse um imenso cadinho de fundição social, dentro do qual se entrecrocaram os sistemas estatais e de organizações governamentais – para a moldagem de novas estruturas de convivência humana. (...) E tudo indica que esse movimento remodelador das bases fundamentais do sistema capitalista na organização da sociedade, com variantes de modalidades políticas, não sofrerá solução de continuidade, sendo de prever que outros povos se movimentarão igualmente nesse sentido – e isto porque não se trata de acontecimentos de superfície, mas de fenômenos sociais de profundidade, espreitando um novo ciclo no ritmo da civilização. Chegará até nós esse impulso de remodelação social? Atravessará ele o Atlântico, buscando as plagas brasileiras, para que também sob o signo do Cruzeiro do Sul passe a tremular a bandeira da libertação socialista? Não temos dúvida; a evolução caminha nesse sentido e não haverá forças que a possam deter (LEUENROTH, s/d.).

Como se sabe, a década de 1960 foi marcada por manifestações políticas, sociais e culturais que alcançaram os quatro cantos do mundo. Após a Segunda Guerra Mundial e com as ditaduras vivenciadas em várias partes do globo, como o fascismo de Mussolini e o Estado Novo

de Vargas, vários países foram tomados por uma série de movimentos reformistas e revolucionários. Heloísa Buarque de Holanda afirmou que, no final dos anos 50, a ocorrência de sucessivos movimentos de descolonização na Europa alterou definitivamente o perfil econômico, político e cultural do mundo. A independência de Gana em 1957, a independência das colônias francesas ao sul do Saara em 1959 e a revolução da Argélia em 1962, por exemplo, foram acontecimentos que indicaram a possibilidade de promover mudanças sociais profundas. O nascimento dos *anos 60* foi marcado pela “surpreendente descoberta do outro” e pelo surgimento de novos “sujeitos históricos”, que se alimentaram de sonhos e expectativas de transformação (HOLANDA, 2007).

No Brasil, militantes socialistas, estudantes de esquerda, artistas e intelectuais mobilizaram-se na luta por mudanças. A crença na transformação contagiava diferentes segmentos da sociedade brasileira: era tempo de “cultivar utopias, um tempo de possibilidades mágicas para as pessoas e organizações que acalentavam projetos transformadores para o país”. (HOLANDA, 2007, 142). Organizações como a União Nacional dos Estudantes (UNE), Sindicatos e Ligas Camponesas, instituições como os partidos políticos, setores da igreja e do parlamento, artistas e intelectuais envolvidos por um clima de efervescência, todos estes grupos desenvolveram nos *anos 60* diferentes propostas políticas, econômicas e sociais para o país (DELGADO, 2001, 172). Com o advento da ditadura militar no Brasil a atuação destes grupos ficou mais dificultosa, porém, mais do que nunca, ele sinalizava a urgência em se operar transformações efetivas que barrassem a onda autoritária que ganhava força a cada dia.

Por mais que a necessidade de transformação fosse admitida em diferentes setores, a definição de seus objetivos, assim como dos meios a serem adotados, acirrava os ânimos e radicalizava as divergências. Em *Qual a solução para o problema do país?* Edgard Leuenroth sistematizou caminhos para essa transformação que se baseavam na prática da ação direta, prática essa defendida pelo militante durante toda sua vida. Assim, ele reuniu artigos publicados anteriormente em sua

trajetória política e acrescentou a eles mudanças sutis para dar-lhes a coerência de uma reflexão conjunta, e somou a eles escritos inéditos a fim de delinear uma solução para Brasil. Para além da luta contra a ditadura civil militar do país, Leuenroth pretendia suprimir as bases estruturais políticas que permitiam o estabelecimento de qualquer tipo de governo que não se ancorasse na liberdade, na igualdade, na solidariedade e na justiça entre os homens como seu princípio formador. Para tanto o anarquismo é apresentado como elemento estruturador da nova sociedade que ele projeta para o Brasil.

O livro manuscrito de Leuenroth contém 81 páginas datilografadas, divididas em duas partes principais: após traçar um panorama socioeconômico e político da sociedade brasileira da década de 1960, ressaltando os problemas enfrentados pela população e as próprias contradições do sistema capitalista, Leuenroth discorre sobre caminhos libertários para transformar o país. Apregoando que a vida social deve ser constituída à margem do Estado (instituição que considerou um órgão parasitário e desnecessário para a organização político-administrativa do país), Leuenroth valida a constituição de uma nova ordem social, livre das amarras do capitalismo e ancorada no anarquismo. Ao descrever os fundamentos da *sociedade socialista libertária brasileira*, Leuenroth enfatiza a necessidade de se suprimir a exploração do homem pelo homem, pondo fim à divisão da sociedade em classes com interesses antagônicos. Isso seria efetivado através da socialização de todo patrimônio social e da abolição do Estado e de qualquer instituição autoritária da vida social.<sup>7</sup> Considerando o indivíduo como elemento primacial da sociedade brasileira, Leuenroth elegeu o livre acordo e a ajuda mútua como elementos constitutivos da organização social. Ao final de sua obra, Leuenroth discorre sobre as formas de organização da nova sociedade, abordando o tema das habitações e da moradia, da assistência social, da instrução, da família, das ciências, arte e letras, dentre outros assuntos.

Em linhas gerais o plano de ação de Leuenroth parte dos seguintes pressupostos: ele aponta para a necessidade

da organização popular na luta por melhores condições de vida e de trabalho. Para ele nenhuma melhoria efetiva poderia ser conquistada por meio da intervenção parlamentar, governamental ou de partidos políticos. Apenas a ação autônoma dos indivíduos é considerada uma estratégia de luta eficaz. Ao mesmo tempo em que o militante realiza uma crítica ao sistema representativo, ele aponta para a estratégia da ação direta como um exercício educativo, *uma contribuição à luta para o advento da sociedade libertária* no Brasil. A seu ver, uma sociedade livre e justa só emergiria da capacidade de decisão e do agir autônomo das pessoas. Assim, atribui à ação direta o estatuto de único caminho possível para a efetivação de mudanças permanentes. Leuenroth compreende que a Anarquia só poderia ser construída tendo por base a liberdade e a responsabilidade, ou seja, os homens devem ser livres, mas também responsáveis pelo bem-estar social. O egoísmo e o individualismo são duramente combatidos pelos anarquistas. Quando Leuenroth expõe a ganância e a exploração dos capitalistas, ele ressalta o individualismo destes homens, que privilegiam interesses pessoais em detrimento dos interesses coletivos:

Ninguém deve hesitar em face desta verdade: a origem da miséria, da insegurança e da inquietação de todos os brasileiros está no monopólio, pelos capitalistas, da riqueza produzida diretamente e efetivamente pelo povo trabalhador, que, no entanto, constitui a classe pobre, sujeita a todas as agruras de escassez do mais essencial à vida. Evidencia-se, conseqüentemente, que a única solução para o problema político-social brasileiro, e, aliás, para o de todos os povos, como o nosso, sujeitos à mesma crise, será substituir o regime de privilégios dominante que concede aos capitalistas, senhores de todos os meios de produção, o direito de vida e de morte sobre o trabalhador. Torna-se indispensável organizar a sociedade brasileira de maneira que a terra e os instrumentos de produção, todos os bens sociais, produzido pelo esforço comum, sejam postos, como patrimônio comum a serviço da

produção destinada a satisfazer as necessidades coletivas e não as ambições de riquezas da minoria capitalista (LEUENROTH, s/d., 07).

Para Edgard Leuenroth, a sociedade brasileira deveria ser organizada de modo a assegurar a cada brasileiro a sua liberdade e o bem-estar da coletividade. Deve-se considerar “o indivíduo como sua unidade essencial e que, repudiando todas as normas totalitárias e ditatoriais, seja baseada no livre consenso, determinada e regulada pelas necessidades, aptidões, ideias e sentimentos de cada qual” (LEUENROTH, s/d., 07). A anarquia, no caso, seria edificada a partir de um pacto de solidariedade entre todos os seus habitantes. Ao firmar esse pacto, os homens se sentiriam responsáveis uns pelos outros, pois a sua liberdade dependeria da garantia da liberdade do outro, para que todos, obedecendo aos mesmos direitos e deveres, se comportassem como iguais. A necessidade de um Estado regulador da vida social numa sociedade anárquica aparecia frente a esse pacto algo infrutífero e desnecessário. Aos próprios homens, irmanados em uma sociedade de iguais, caberia a regência de suas vidas. Leuenroth entendia a solidariedade como uma lei natural que deveria reger os indivíduos em sociedade. Para que um indivíduo pudesse usufruir de sua liberdade, ele precisaria assegurar a liberdade de forma geral, sem restrições. Leuenroth criticou as leis artificiais, entendendo-as como desnecessárias à harmonia social.

Quanto à estrutura administrativa da nova sociedade, Leuenroth baseou-se no federalismo. Considerando que todo indivíduo necessitava da coletividade para o desenvolvimento de suas potencialidades, o autor afirmou que “a sociedade deve ser a associação de unidades atuantes e autônomas, livremente solidarizadas, (...), agindo na comunidade na base do livre acordo e da ajuda mútua” (LEUENROTH, s/d., 36). Em outras palavras Leuenroth explicou que: “partindo de baixo para cima, do simples para o complexo, orientando-se pelo respeito à integridade da autonomia da unidade no conjunto” (LEUENROTH, s/d., 36), a sociedade socialista libertária brasileira seria fruto do entrosamento de todos os seus elementos. Observa-se, pois, que a crítica

à sociedade vigente servia como esteio para a proposição da sociedade completamente nova que se desejava criar. A anarquia, no caso, aparecia como antípoda da organização social, política e econômica experimentada até então sob a égide do capitalismo e da autoridade.

## NOTAS

- 1 Vale mencionar que utilizamos o termo utopia em seu sentido positivo como explicitado por Lyman Sargent: “Eutopia ou utopia positiva - uma sociedade inexistente descrita em detalhes consideráveis e normalmente localizada no tempo e no espaço que o autor pretendia que um leitor contemporâneo visse como consideravelmente melhor do que a sociedade em que esse leitor viveu” (SARGENT, 2016). Longe de considerarmos as utopias como quimeras ou sonhos imaginados, atentamo-nos para seu caráter histórico, como explicitado por Cosmio Quarta: “a duplicidade semântica do “u” inicial induz a configurar a utopia como o “lugar do bem”, a “sociedade virtuosa e feliz” (eu-topia) que “não tem lugar” (ou-topia). Só que aquele “não lugar” não se identifica com o puro “não ser”, com o nada, mas é antes um “não haver”, algo que “não é”, apenas em linha de fato. Trata-se, em outros termos, de um não ser aqui e agora, que, contudo, não impede que possa ser algures e no futuro” (QUARTA, 2006). Este autor compreende as Utopias como parte e uma necessidade do porvir humano. Sendo assim, a utopia só pode ser compreendida se encarada como um projeto cuja característica nuclear seria voltar-se para um futuro imaginado que nega aspectos do presente de enunciação. Nesse caso, não se trata mais de algo inverossímil ou impossível, mas de uma projeção, de uma iniciativa histórica que contradiz aspectos do presente, compreendidos como dispensáveis e/ou insuficientes.
- 2 Leuenroth participou da criação do Centro de Cultura Social de São Paulo em 1933, vinculado ao movimento anarquista, promovendo debates, palestras e exposições. Em 1944 fundou, com seus companheiros de militância, “A Nossa Chácara”, um espaço comunitário destinado ao encontro de anarquistas e simpatizantes para a discussão do pensamento libertário.
- 3 Não podemos deixar de mencionar também a preocupação de Leuenroth em guardar as memórias do movimento operário brasileiro e do movimento anarquista. Ele foi o responsável pela conservação de boa parte do acervo que hoje integra o Arquivo Edgard Leuenroth, situado na Universidade Estadual de Campinas. Outros dados bibliográficos podem ser encontrados em: LOPREATO, (2009). Ver também: KHOURY, (1988).
- 4 Jornal publicado na cidade de São Paulo e voltado para discussões teóricas do pensamento e movimento anarquista, no qual, foram publicados vários textos de contestação à política vigente e de difusão das ideias e preceitos libertários. Em O Libertário, Leuenroth publicou uma série de textos que rememoram as atividades dos sindicatos de ação direta existentes no início do século, além de textos críticos em relação à realidade social, que continham propostas revolucionárias.
- 5 É importante ressaltar que a publicação de projetos utópicos anarquistas no Brasil no pós-Segunda Guerra não foi uma iniciativa exclusiva de Edgard Leuenroth. O anarquista Ênio Cardoso, por exemplo, escreveu o livro Projeto de Federação Anarquista latino-

americana, no qual projetou uma sociedade anarquista que integrava todos os países da América Latina. Há ainda os textos: La Nueva utopia de Ricardo Mella, datado de 1889 e organizado para republicação no Brasil em 1969; Preanarquia de Randolfo Vella, publicado na Itália em 1931 e republicado no Brasil no ano de 1963; La société Libertarie de Georges Bastien, publicado em língua francesa em 1926, mas vertido para português em 1949 na forma de excertos no jornal Ação Direta. Para mais informações sobre estes projetos ver: FELIPE, 2020.

- 6 Manuscrito inacabado, guardado pelo Círculo Alfa de Estudos Históricos. O manuscrito foi cedido a historiadora Christina Lopreato por Parmênides Cubero, filho de Jaime Cubero (companheiro de militância política de Leuenroth). O Círculo Alfa de Estudos Históricos mantém a guarda de parte dos documentos libertários que foram conservados por Leuenroth ao longo de sua vida. Para maiores informações sobre o manuscrito, ver: LOPREATO (2009).
- 7 A ideia de abolição do Estado é um dos pontos que diferencia os projetos anarquistas dos projetos comunistas-marxistas. Enquanto os comunistas-marxistas veem a consolidação de um Estado proletário como etapa transitória de um processo maior de edificação de uma sociedade socialista, os anarquistas apostam na derrubada do Estado e de qualquer instituição autoritária como ponto de partida para a construção da anarquia.

## REFERÊNCIAS

- BASTIEN, Georges. *La Société libertaire*. Amiens: Germinal, 1926.
- CARDOSO, E. *Projeto de Federação Anarquista latino-americana*. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1960.
- CUBERO, Jaime. Edgard Leuenroth, o homem e o militante. In: *Verve*. Revista do Núcleo de Sociabilização Libertária do Programa de estudos pós-graduados em Ciências Sociais da PUC: São Paulo, n°10, 2006, p. 218.
- DEALBAR. *Os nossos propósitos*. São Paulo, Ano I, nº. 01, set./1965.
- DEALBAR. *Democracia...* São Paulo, ano I, n. 5, junho. de 1967, p. 01.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Trabalhismo, nacionalismo e desenvolvimentismo: um projeto para o Brasil. In: FERREIRA, Jorge (org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p.172.
- HOLANDA, Heloisa Buarque de. Cultura e Cotidiano. In: ARAÚJO. R. B; BARRETO. T. V. (orgs.). *1964: O Golpe passado a limpo*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2007, p. 140.
- KHOURY, Yara Maria Aun. *Edgard Leuenroth: uma voz libertária* Imprensa, Memória e Militância Anarco-Sindicalista. Tese de doutorado defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1988.

- LEUENROTH, Edgard. O problema brasileiro sob o ponto de vista dos anarquistas. *Ação Direta*, ano I, n. 9, jun. de 1946, p. 1.
- LEUENROTH, Edgard. Traços biográficos de um homem extraordinário. In: *DEALBAR*. Ano II, nº 17, dezembro de 1968, p. 01.
- LEUEHNROTH, Edgard. O solidarismo na vida social brasileira. *Dealbar*, São Paulo, ano II, n. 8, out. de 1967, p. 02.
- LEUEHNROTH, Edgard. O solidarismo na vida social brasileira. *Dealbar*, São Paulo, ano II, n. 10, dez. de 1967, p. 4.
- LEUENROTH, Edgard. O solidarismo nas relações humanas. *Dealbar*, São Paulo, ano II, n. 11, jan. de 1968, p. 3.
- LEUENROTH, Edgard. Ideal de confraternização universal. In: *Dealbar*. São Paulo, Ano I, n. 07, set./1967, p.01.
- LEUENROTH, Edgard. *Qual a solução para o problema do país?*, Manuscrito, s/d
- LOPREATO, Christina da Silva Roquette. O (des)encontro do Brasil consigo mesmo: ditos e escritos de Edgar Leuenroth. In: *Verve*, Revista do Núcleo de Sociabilização Libertária do Programa de estudos pós-graduados em Ciências Sociais da PUC: São Paulo, nº15, 2009, pp. 202-220.
- MELLA, Ricardo. *La Nueva utopia*. II Certamen Socialista, Barcelona, 1889.
- QUARTA, Cosmio. Utopia: gênese de uma palavra-chave. *MORUS* - utopia e renascimento, n. 3, 2006, p. 49.
- SARGENT, Lyman. What is a Utopia? *MORUS* - utopia e renascimento, n. 2, 2005, p. 153-160.
- VELLA, Randolpho. *Preanarquia*. Tradução de A. Pinto. São Paulo: Edição de Carlos Aldegheri, 1963 [1931].
- VIANA, Allyson Bruno. *Anarquismo em papel e tinta: imprensa, edição e cultura libertária (1945 - 1968)*. Tese de doutorado. Fortaleza (CE): Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará. 2014, p. 93-94.

## A AUTORA

Cláudia Tolentino Gonçalves Felipe é Doutora em história (IFCH-UNICAMP, Brasil) - ID  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6861-009X>.  
E-mail: [claudiatolentino.ufu@gmail.com](mailto:claudiatolentino.ufu@gmail.com)

